

## DISCIPLINA É DISCURSO? A TEORIA DO DISCURSO COMO FERRAMENTA EPISTEMOLÓGICA À SOCIOLOGIA DA CIÊNCIA

GABRIEL BANDEIRA COELHO<sup>1</sup>; JALCIONE ALMEIDA<sup>2</sup>;

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Grupo de Pesquisa Tecnologia, Meio Ambiente e Sociedade (TEMAS-[www.ufrgs.br/temas](http://www.ufrgs.br/temas)) – [gabrielbandeiracoelho@yahoo.com.br](mailto:gabrielbandeiracoelho@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), TEMAS – [jal@ufrgs.br](mailto:jal@ufrgs.br)

### INTRODUÇÃO

O ponto central neste trabalho, e que justifica sua relevância teórica e epistemológica, é a indicação da possibilidade de inserção e da transposição da Teoria do Discurso, de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe, para o campo da Sociologia da Ciência. Considera-se relevante, portanto, a Teoria do Discurso para a análise desse campo de estudo, posto que se trata de um arcabouço teórico, epistemológico e metodológico pós-estruturalista e pós-fundacionalista que pode proporcionar um novo olhar, a partir de seus conceitos e categorias, às nuances que permeiam a produção de conhecimento científico do ponto de vista da própria sociologia.

Muitos estudos, desde “*Genesis and Development of a Scientific Fact*”, de Ludwik Fleck, até os dias de hoje, têm sido profícuos no tocante à relação ciência e sociedade. Karl Mannheim, Robert Merton, Thomas Kuhn, o Programa Forte, Harry Collins, Bruno Latour, dentre outras abordagens e autores, contribuíram e ainda contribuem para compreensão desta inexorável dependência do conhecimento com o tecido social. Boa parte das discussões sobre essa temática envolve os quadros teóricos destes e de outros pensadores. Abordagens com divergências entre si, mas que buscam o objetivo semelhante de compreender as nuances que permeiam a relação ciência-sociedade.

A Teoria do Discurso, de caráter pós-estruturalista, pós-marxista e pós-fundacionalista é pouco utilizada, pelo menos no Brasil, no que tange à Sociologia da Ciência. A intenção deste trabalho é contribuir para o campo da Sociologia da Ciência a partir de uma perspectiva epistemológica diferente do *know how* há muito consolidado nessa área.

## **METODOLOGIA**

O estudo ora apresentado é parte de pesquisa de tese desenvolvida pelo primeiro autor, na qual se busca, em resumo, demonstrar, a partir da Teoria do Discurso, como emergem e se sustentam os agonismos e antagonismos num campo de pesquisa interdisciplinar na área das Ciências Ambientais. Para tanto, utiliza-se a revisão bibliográfica e teórica para discutir como essa abordagem teórica pode contribuir às pesquisas no campo da Sociologia da Ciência, tomando a discussão sobre interdisciplinaridade como campo discursivo para este objetivo.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os novos estudos no âmbito da Sociologia da Ciência têm contribuído proficuamente ao debate sobre as relações intrínsecas à produção da ciência, contrariando, assim, o argumento da teoria mertoniana de que o conhecimento científico seria puro e desinteressado. Em outros termos, a validade do conhecimento, seu núcleo duro, está determinado por inúmeros interesses sociais (relações de força), caracterizando o que Arriscado Nunes e Roque (2008) denominam de “objetos impuros”.

Coelho e Rodrigues (2016) argumentam que a Teoria do Discurso, calcada numa base epistemológica pós-fundacionalista, tem sido amplamente utilizada para o conhecimento detalhado dos diferentes espaços sociais, através de suas categorias de análise, especialmente a particular noção de discurso. Ainda para esses autores, a teoria laclauniana tem ganhado adeptos nas áreas da Ciência Política, Educação, Sociologia, Antropologia, evidenciando um caráter que atravessa as fronteiras da análise monodisciplinar.

Cabe destacar que a estrutura discursiva, conforme salientam Laclau e Mouffe (1987), consiste em prática articulatória que forma e organiza as relações dentro de um determinado campo de discurso. Assim, os discursos são formados por uma lógica segundo a qual as demandas de cada grupo, em um primeiro momento, isoladas, unem-se em prol de uma reivindicação através da equivalência, formando assim uma identidade, um sentido que tem por objetivo tornar-se universal, absoluto e, conseqüentemente, hegemônico (LACLAU; MOUFFE, 1987; LACLAU, 1993).

Por conseguinte, é importante apresentarmos a definição de discurso para Laclau:

O discursivo é [...] o campo de uma ontologia geral, quer dizer, de uma reflexão acerca do ser enquanto ser. Isto supõe que as categorias linguísticas deixam de estar ancoradas numa ontologia regional que as reduziria à fala e à escrita, e passam a constituir o campo de uma lógica relacional – fundada na substituição e na combinação, as duas formas primárias da articulação – que constituem o horizonte último do ser enquanto tal (LACLAU, 2008, p. 189).

Dentre o vasto arcabouço conceitual da Teoria do Discurso, há um conceito de extrema valia para analisar o campo científico a partir dos pressupostos pós-fundacionalistas laclaunianos: o antagonismo. Uma relação antagonística, nos termos de Laclau e Mouffe (2015), manifesta a impossibilidade de fechamento de toda identidade e objetividade. “Esta ‘experiência’ do limite de toda objetividade tem uma forma precisa de presença discursiva, o *antagonismo*” (LACLAU; MOUFFE, 2015, p. 198 – grifos dos autores). Para Mendonça (2003), corroborando o argumento laclauniano, o antagonismo caracteriza-se por ser o limite de toda identidade e fixação de sentido. O antagonismo é, assim, a linha, a fronteira que separa campos discursivos opostos.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfim, o alcance epistemológico, teórico e metodológico dos pressupostos de Laclau, no que concerne ao campo científico, mostra-se frutífero para a Sociologia da Ciência, uma vez que não se vê nenhuma abordagem assumindo com alento a dimensão pós-estruturalista e pós-fundacionalista ao olhar a relação entre ciência e sociedade. Entende-se que ainda hoje é um desafio para os estudos que analisam a ciência assumirem, a partir da teoria do discurso, o colapso dos fundamentos últimos e universais, das verdades totalizantes e absolutas e da falta constituinte de todo pressuposto que se diz verdadeiro. Quiçá, assumindo esses pressupostos um tanto quanto “radicais”, complexos e desconstrutivistas, a Sociologia da Ciência pode avançar – como já têm avançado com outras perspectivas – em direção a uma mais particularizada compreensão das relações de natureza complexa, as quais abarcam os discursos da relação entre ciência e sociedade.

Frente à fundamentação teórica apresentada, parte-se do pressuposto de que o campo científico é um *sistema organizado de diferenças*, isto é, ciência é *discurso* ou “a totalidade estruturada resultante das *práticas articulatórias*” (LACLAU; MOUFFE, 2015, p. 178, grifos acrescidos). Essas diferenças são as disciplinas (*elementos*) dispersas no *campo da discursividade*, no campo científico. Cada uma delas constituindo, também, *lógicas discursivas* que buscam o tempo todo preencher e consolidar seus espaços políticos e epistemológicos. Por se tratar de um *discurso*, a ciência é perpassada por *linhas antagônicas*, ou seja, por disputas de poder e *hegemonia*. Logo, os Programas de Pós-Graduação Multidisciplinares em Ciências Ambientais (PPGMCA) são considerados, nesta pesquisa, como discursos, os quais possuem elementos ora dispersos (*lógica da diferença*), ora articulados (*lógica da equivalência*) – (*momentos*)-, que são as próprias disciplinas que os compõem. Portanto, a *disciplina* é um desses *elementos discursivos* que fazem parte dos Programas em Ciências Ambientais, caracterizando-se, desta maneira, por ser um discurso, uma disciplina com sua *identidade, sentido, limites* e fronteiras em relação articulatória com outras áreas por espaço político-institucional e epistemológico. Assim, estas articulações têm por objetivo hegemonizar certos discursos (*pontos nodais*) que pretendem ser universais, dominantes e absolutos no campo científico de um PPGMCA

## REFERÊNCIAS

LACLAU, E.; MOUFFE, C. **Hegemonía y estrategia socialista**: Hacia una radicalización de la democracia. Madrid: Siglo XXI, 1987.

\_\_\_\_\_. **Hegemonia e estratégia socialista**: por uma política democrática radical. São Paulo: Intermeios, 2015.

LACLAU, E. **Nuevas reflexiones sobre la revolución de nuestro tiempo**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1993.

\_\_\_\_\_. Posfácio. In: MENDONÇA, D.; RODRIGUES, L. P. (org). **Pós-Estruturalismo e Teoria do Discurso**: em torno de Ernesto Laclau. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. p. 189-191.

MENDONÇA, D. A noção de antagonismo na ciência política contemporânea: uma análise a partir da perspectiva da teoria do discurso. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba n. 20, p. 135-145, 2003.



NUNES, J. A.; ROQUE, R. Os estudos sobre Ciência. In: NUNES, J. A.; ROQUE, R. (orgs.). **Objectos impuros**: experiências em estudos sobre ciência. Porto: Edições Afrontamento, 2008.

RODRIGUES, L. P.; COELHO, G. A teoria do discurso como possibilidade de compreensão do campo curricular nesta contemporaneidade. In: LEITE, E. da S.; MASSAU, G. C.; SOTO, W. H. G. (org.). **Teorias e práticas sociológicas**, São Paulo: Max Limonad, 2016.